

## VALE DO PARAÍBA: CULTURA E ARTE

Olga de Sá

PUC-SP / FATEA (SP)

### RESUMO:

O artigo focaliza o Vale do Paraíba, região compreendida entre São Paulo e Rio de Janeiro, e sua cultura no sentido amplo, sintetizando parte de sua história. Refere-se a viagens interessantes: da cana de açúcar ao café. O Vale transformou-se na principal região econômica da Província de S. Paulo e grande centro cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil; História; Cultura regional.

## VALE DO PARAÍBA: CULTURE AND ART

### ABSTRACT

This article focuses on the Vale do Paraíba, a region between São Paulo and Rio de Janeiro States and its culture in broadest sense. It synthesizes part of its history, such as the interesting period from sugar cane to coffee culture. The Vale do Paraíba became the main economic region and a big cultural center of São Paulo states.

**KEYWORDS:** Brazil; History; Regional culture.

No cenário nacional, o Vale do Paraíba destaca-se, por suas características geográficas e culturais.

O Prof. José Luiz Pasin, de saudosa memória, grande conhecedor da região, em sua publicação *Vale do Paraíba: ontem e hoje*, nos informa de que, desde meados do século XVII, erigida oficialmente a Vila de São Francisco das Chagas, de Taubaté, o povoamento do Vale foi-se realizando, a partir das incursões dos sertanistas em busca dos índios e metais preciosos, até a industrialização mais recente: Guaratinguetá, Jacareí, Tremembé,

Pindamonhangaba, São José dos Campos, Lorena, Aparecida, Caçapava, foram povoados, vilas e depois cidades, resultantes desses desbravamentos, sem falar de outros em Minas Gerais e o Vale Fluminense.

O Rio Paraíba do Sul foi o caminho natural de penetração e comunicação. Páris nos informa de que os sertões que margeavam o rio Paraíba eram cortados por picadas abertas na mata, trilhas indígenas, ao longo de serras e espigões. Rios e ribeiros afluentes desciam da serra da Mantiqueira, da Bocaina e do Quebra-Cangalha. Os caminhos para o mar (Paraty e Ubatuba) também são referências constantes. O livro *A estrada real: caminhos & roteiros* do referido professor reúne itinerários preciosos para o conhecimento do povoamento do Vale: a narrativa de Anthony Knivet, de 1596; o itinerário de Glimmer, de 1601; a jornada de Fernão Dias Paes, de 1674; o roteiro das Minas de Ouro que descobriu o Vigário João de Faria Filho; o roteiro do Caminho Velho da cidade do Rio de Janeiro para as Minas dos Cataguás e do rio das Velhas, jornada do governador Arthur de Sá e Menezes, em 1699; a Carta para Mendo de Foyos Pereira, sobre as Pedras Minerais de dom Rodrigo de Castelo Branco; o roteiro do Caminho da Vila de São Paulo para as Minas Gerais e para o rio das Velhas, de André João Antonil, de 1711; o diário da jornada de Dom Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcello, 4º Conde de Assumar, da cidade de São Paulo às Minas Gerais, em 1717 e outros roteiros significativos e interessantes. Em meio a essas narrativas de viagens há passagens curiosas, que nos surpreendem por constatarem os perigos que todos corriam e as necessidades pelas quais passavam.

Da cana de açúcar ao café, cujo período áureo se deu em meados do século XIX, o Vale transformou-se na principal região econômica da Província de São Paulo: Lagoinha, Paraibuna, Jambeiro, Pinheiros, Jataí, Roseira, Bonfim, Redenção da Serra, São Bento do Sapucaí, Natividade da Serra, São Luís do Paraitinga, Cunha, sem contar a expansão pelo Império na direção do Rio de Janeiro e do Vale Fluminense: São José do Barreiro, Areias, Silveiras, Lavrinhas, Cachoeira Paulista, Cruzeiro, Queluz, Vassouras, Valença, Três Rios, Paraíba do Sul, Resende, Piraí, Barra Mansa, Bananal, Campos, Macaé etc. Em 1897, a Estrada de Ferro D. Pedro II, ligando Rio a São Paulo. Lembremo-nos dos portos de exportação de café: Paraty, Mambucaba, Ubatuba, São Sebastião, Ariró e Jurumirim.

Começa com o trem, o declínio da navegação do Paraíba. Entre Cachoeira e Caçapava, entre Lorena e Pindamonhangaba, já não correm tantas balsas e chatas peçadas de mercadorias, nem lanchas a vapor, de passageiros, como a do comendador Arlindo Braga do Engenho Central Lorenense. Desaparece o porto fluvial de Guaratinguetá, como testemunha Alves Motta (1967, p.80)

Emílio Augusto Zaluar, em 1860, registrou em seu livro *Peregrinação pela Província de São Paulo*, o luxo e a opulência da aristocracia rural valeparaibana:

Como reflexo da riqueza produzida pelo café, as cidades vale-paraibanas passaram por um rápido processo de crescimento e urbanização a partir de 1840; ruas calçadas, iluminadas, mercados, chafarizes, teatros, colégios religiosos, para meninos e meninas, colégios particulares, aulas de francês, etiqueta e dança, jornais, cemitérios com túmulos de mármore de Carrara, Santas Casas de Misericórdia, asilos, Grêmios literários, clubes recreativos, bandas de música, festas religiosas com pregadores e orquestras vindas da Corte, navegação a vapor no rio Paraíba . (PASIN, 1988).

Crescendo econômica e politicamente, o Vale também se projetou culturalmente, seja na celebrada arquitetura, na decoração dos ambientes, na moda, no teatro, seja nas artes plásticas, nas letras e, mais especificamente na Literatura. Na pintura, basta o nome de Quissak Júnior para marcar a presença do Vale, na História das artes, no Brasil; no cinema, Mazaropi; na escultura, Boanerges, Demétrio.

Na Literatura, nenhuma cidade do Vale, por pequena que seja, deixa de ter um escritor, um poeta, um político, historiador ou jornalista, que não tenha escrito algum livro e se projetado, nas Letras. Entre 1850 e 1880, o Vale teve uma imprensa ativa. Guaratinguetá, em 1858, editava *O Mosaico*. O silverense Vicente Félix de Castro, em 1861, publicou um romance intitulado *Os mistérios da raça*, considerado o precursor do romance paulista. Em 1871, publicou a *História de um voluntário da guerra do Paraguai*.

Em São Luiz do Paraitinga, considerada cidade-monumento por sua arquitetura, temos Oswaldo Cruz, que não sendo um literato, deixou uma vasta obra científica. Em São Luiz, já existiu um Ateneu literário, que promovia muitas sessões de literatura, tinha correspondentes (como o Conde Moreira Lima, de Lorena) e uma significativa biblioteca.

Na década de 1880, clubes sociais traziam de São Paulo e do Rio, para o Vale, grandes escritores e poetas, como Olavo Bilac, Coelho Neto, e artistas de renome como Apolonia Silva, Flora Teixeira, Rita Prado, Ismênia Santos, Luzia Leonardo e Nina Souza.

Não se pode falar em Literatura, no Vale, sem nomear Monteiro Lobato, de Taubaté, criador da Literatura infantil, no Brasil; Cassiano Ricardo, de São José dos Campos, eminente poeta; Ruth Guimarães, de Cachoeira Paulista, romancista, contista e folclorista, hoje pertencente à Academia Paulista de Letras; também de Cachoeira, Waldomiro Silveira, criador do conto regionalista, usando a linguagem caipira; de São Bento do Sapucaí, Miguel Reale, pensador e filósofo, Eugênia Sereno, romancista ímpar, cujo único romance é um *assombro*, no dizer de Osmar Pimentel; Plínio Salgado, cuja ideologia se pode contestar, mas não seu talento literário.

Aparecida, Santuário Nacional, teve José Pires do Rio, homem público e eminente político; o Pe. José Geraldo de Souza, músico de renome internacional; a folclorista Maria de Lourdes Borges Ribeiro, uma das fundadoras da Comissão Nacional de Folclore.

Bananal foi o município mais rico da Província de São Paulo, pois o orçamento da Câmara superava o da Capital. A Baronesa de Bela Vista mantinha um salão literário, no Rio de Janeiro, onde recebia José de Alencar, Macedo e outros. Agostinho Ramos é de Bananal, o embaixador Luís de Almeida Nogueira Porto fez um levantamento histórico das fazendas de café do município.

Cunha, no alto da Mantiqueira, hoje estância climática que produz também um artesanato de cerâmica totalmente original; tem Oracy Nogueira, sociólogo, que combate a idéia de que o preconceito racial seja uma unanimidade nacional. De Cunha, é também Ulpiano Bezerra Toledo de Menezes, fundador do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo. De Cunha, são também os Veloso, que além de escritores, cuidam muito da cultura regional e mantêm um museu histórico.

Guaratinguetá tem uma quantidade de personalidades ilustres, em vários campos do saber. Dos escritores é certamente o mais importante Brito Broca, que foi exilado pela política dos Rodrigues Alves. Francisco de Assis Barbosa, Homero Senna, Alves Motta Sobrinho são nomes que dignificam a vida literária da cidade. Falecido recentemente e nunca esquecido, José Luiz Pasin, que conheceu e escreveu abundantemente sobre o Vale do Paraíba, era hábil conferencista e professor amado por seus alunos. Pasin era realmente filho de Aparecida.

“Lorena tem Haroldo de Azevedo, geógrafo e político, José Geraldo Evangelista, da Academia Paulista de Letras; o historiador Paulo Pereira dos Reis e outros. Um dos escritores mais lidos é o poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos, geração de 45, considerado o melhor tradutor dos sonetos de Shakespeare, no Brasil.” (PASIN, in: SÁ, 1998, p. 16)

Falando de Lorena, é preciso lembrar que Euclides da Cunha, valeparaibano fluminense, morou na cidade, entre 1902 e 1904, encarregado de um escritório de obras públicas no Vale. Construiu pontes, grupos escolares, cadeias, rodovias. Escreveu *Os Sertões* em São José do Rio Pardo, mas corrigiu suas provas tipográficas, em Lorena, candidatou-se à Academia de Letras, pedindo o apoio de Machado de Assis por meio de carta escrita, em Lorena, foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Henrique L. Alves coligiu 60 cartas de Euclides, provindas da cidade. Destaco uma carta que escreveu a Coelho Neto, de 10 de setembro de 1903:

... o vento sul que está aí destoando as roseiras de Campinas, sacode, neste momento, as palmeiras imperiais da minha melancólica Lorena. E é uma lufada apenas, um fragmento do sudoeste braço, que a estas horas se estira e tumultua precipitado nas planuras dos pampas e dos charcos ... (SÁ, 1988, p.21)

A figueira monumental, que se erguia à entrada da cidade, sacrificada mais tarde por um prefeito de grande sensibilidade, para colocar um obelisco do Rotary Clube, em numa fotografia esta frase de Euclides: *Esta figueira é minha.* (in Sá, 1988, p.21).

Júlio Cesar de Mello e Souza, conhecido como Malba Tahan, tem todo seu acervo em Queluz e foi o primeiro escritor a preocupar-se com resgatar histórias e lendas ligadas à imagem de Nossa Senhora Aparecida: *Por que essa imagem teria sido jogada no Rio? Como è que a tradição popular conta as histórias ligadas à Nossa Senhora Aparecida?*

Aparecida: origina-se em outubro de 1717, por ocasião da passagem do conde de Assumar (Dom Pedro Miguel de Almeida e Portugal), por Guaratinguetá, rumo às Minas Gerais, quando três pescadores saindo em busca de peixes para a mesa do Conde, encontraram a imagem de Nossa Senhora da Conceição, nas águas do Rio Paraíba, na altura do Porto de Itaguassu  
(PASSIN, 1977, p. 29, citando o Livro do Tombo da matriz de Guaratinguetá)

Natividade da Serra tem Cesídeo Ambrogí, poeta e editor de livros sobre o Vale.

Pindamonhangaba tem Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, que assinava com o pseudônimo de Juó Bananéri, cuja linguagem jocosa, mistura da fala de italiano e português, tem feito a delícia de muitos leitores. De Pinda, é também Hilda César Marcondes da Silva que criou pela primeira vez, um ciclo sobre o café, realizando um histórico sobre o assunto. Ainda José Geraldo Nogueira Moutinho, crítico literário, que pertenceu à Academia Paulista de Letras e Janar Antonio Moutinho Ribeiro, contista, jornalista, cronista.

Roseira, pequena cidade, elevada a município só em 1964, tem seu Gastão Goulart.

O Vale do Paraíba, em todos os ramos do conhecimento apresenta valeparaibanos ilustres. Oswaldo Cruz, já citado; Emílio Ribas, que fundou o Butantã e foi ligado ao combate à febre amarela, à tuberculose; Miguel Pereira estudou a cólera morbis, a sífilis; Carlos Lacaz e Paulo da Silva Lacaz, especializados em medicina e doenças tropicais; Euclides de Jesus Zerbini, médico famoso; José Luís Cembranelli, precursor das pesquisas cancerígenas, no Brasil. E muitos outros, já nomeados ou não, constituem a glória dessa região. (cf. Pasin in Sá, 1998, p.25)

Observamos como, de uma modesta economia de subsistência, permeada de histórias e lendas, de bandeirantes e tropeiros, o Vale povoou-se, até que exauridas as ricas jazidas dos Campos Gerais, desenvolveu-se o cultivo da cana de açúcar.

Dos engenhos que se ergueram surgiram as primeiras grandes sedes de fazendas, capelas e senzalas. Depois veio o reinado do café, trazendo muitas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, alterando usos e costumes, substituindo o transporte feito pelas tropas de muares pelo trem de ferro. Com o acervo de dezoito cidades, doze vilas e três freguesias, o Vale do Paraíba iniciou o século vinte, assistindo ao fim do café e ao início do ciclo da agropecuária leiteira. Nos anos cinquenta aconteceu a explosão industrial. A partir de São José dos Campos, por Jacareí, por Caçapava e por Taubaté, as indústrias seguiram o curso do rio e as margens da via Dutra, trazendo um novo sentido à vida valeparaibana. (MAIA, s/d, p.11)

O ensaio de Thereza e Tom Maia publicado nos *Cadernos Culturais do Vale do Paraíba* segue uma interessante abordagem do assunto cultural, distribuído por áreas: Da arte da Música, Da arte sacra, Da arte dos santeiros (especial destaque), Da arte da oratória, Da arte de curar, Da arte de morar, Da arte de ensinar, Da arte da imprensa, Da arte cênica, Da arte da memória. Em cada tópico destacam-se artistas, orquestras, bandas de música, grandes pintores, artistas do entalhe, preciosas capelas, prestigiosos e piedosos oradores como o franciscano Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, hoje o primeiro santo Brasileiro. Frei Galvão também era poeta e foi membro da Academia dos Felizes, a primeira Academia de Letras de São Paulo, no século XVIII.

O capítulo da arte de ensinar menciona alguns colégios de Taubaté, Pindamonhangaba, mas não nomeia o Colégio do Carmo, de Guaratinguetá, fundado por Mons. Filippo, em 1891, que já celebrou seus cem anos. Mas os autores, ao escreverem sobre *A mulher e o Vale do Paraíba*, destacam as Irmãs Salesianas, como educadoras, no Colégio do Carmo.

Os mesmos autores salientam nas artes Cênicas, marcadas pelo gosto popular, a criação de casas de espetáculos e teatros. Areias teve seu teatrinho para 300 pessoas, na platéia e duas ordens de camarotes; Bananal redecorou o teatro Santa Cecília pelos serviços do pintor e cenógrafo José Maria Villaronga; em Taubaté, foi inaugurado o Teatro São José; Pindamonhangaba, Lorena, Jacareí, Aparecida, Silveiras, São José do Barreiro, mantiveram casas de espetáculos, ocupadas durante temporadas, por grupos profissionais e amadores. Guaratinguetá inaugurou o Teatro Carlos Gomes, depois Teatro Municipal e Cachoeira Paulista um teatro de que até hoje se orgulha. Caçapava e São José dos Campos também tiveram intensa vida teatral. O teatro só perdeu espaço para o cinema, quando este se difundiu e dos circos e dos palcos nasceu Mazzaropi, o Charles Chaplin do cinema nacional. (cf. Maia, s/d, p.30-31)

Histórica no Vale, foi a chamada jornada da Independência, isto é, a viagem de D. Pedro à Província de São Paulo. Iniciada a 14 de agosto de 1822, na cidade do Rio de Janeiro, atravessou o Vale, em onze dias. D. Pedro foi triunfalmente recebido pelos

valeparaibanos, pernoitando nas fazendas Olaria (São João Marcos), Três Barras (Bananal) e nas vilas de Areias, Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Jacareí e Mogi das Cruzes, chegando a São Paulo, no dia 25 de agosto. (cf.Pasin, 2007, p.10).

O Vale Paraíba foi a única região do Brasil a participar diretamente dos acontecimentos que culminaram com a separação do Reino do Brasil do Reino de Portugal, no dia 7 de setembro de 1822, na colina do Ipiranga - ali estavam naquela tarde histórica os vale-paraibanos testemunhas oculares do gesto de Dom Pedro, criador do Império do Brasil. (PASIN, 1993, p. 144)

Um estudo especial sobre *A mulher e o Vale do Paraíba* de Tom e Thereza Maia, que recebeu o prêmio Eugênia Sereno, em 1991, faz uma séria reflexão sobre o sistema patriarcal, pesando sobre a mulher e a família, numa sociedade agrária e escravocrata, mas destaca também educadoras ilustres, senhoras de grande poder e ricas fazendas.

Banquetes de homenagens, bailes e até queima de fogos de artifício abrilhantaram algumas festas, promovidas por senhoras da aristocracia valeparaibana..

Durante o Segundo Reinado não foram poucas as passagens de personagens importantes e visitas da Família Imperial, e mesmo dos Imperadores em pessoa, ao Vale do Paraíba. Para a recepção engalanavam-se as velhas cidades.

O livro de Tom Maia *No mundo das sinhás*, de deliciosa leitura, narra histórias simples do cotidiano de mulheres de outros tempos, *das mais modestas àquelas tidas por aristocráticas; das sinhás, das nhás, das sinhazinhas, das sinhás-moças, das iaiás, das siás, das sãs, das donas, das madames; das que não eram nada disso; ou seja, os acontecimentos da vida de muitas mulheres.* (Maia, 2003, apresentação)

Esse pequeno livro de história e ficção nos dá um retrato pitoresco, do cotidiano da mulher, no Vale, cercado de lendas, amores, tristezas e alegrias

Com a industrialização, o Vale só não perdeu suas paredes de pedra: a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar. Apesar das perdas enormes, a fauna e a flora são exuberantes. Contudo, o processo crescente de industrialização, com o aparecimento de indústrias de grande porte como a Johnson, Petrobrás, General Motors, Ford, Volkswagen, Kodak e muitas outras tem provocado um impacto negativo sobre o meio ambiente, apesar de movimentos ecológicos, iniciativas governamentais e associações civis procurarem preservar quanto resta das reservas vegetais e animais.

O patrimônio cultural é intensamente defendido e cultivado; arquivos, museus, bibliotecas, academias, clubes, teatros, escolas, faculdades. Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro multiplicam seus campos nas cidades do Vale.

Das bibliotecas, além da especializada biblioteca do INPE, em São José dos Campos, destaca-se a *Biblioteca Conde de Moreira Lima das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, de Lorena, com um valioso acervo de obras raras brasileiras e estrangeiras, e a Biblioteca de Assuntos valeparaibanos do Instituto de Estudos Valeparaibanos, (IEV), em Lorena, especializada em temas e assuntos valeparaibanos* (Pasin, 2007, p.19-20).

É Presidente atual do IEV o Sr. Prof. Nelson Pesciotta, que muito tem contribuído para a cultura da Região, inclusive liderando a criação da Academia Lorenense de Letras.

Haveria muito que contar e recontar. Mas isso demandaria um tempo enorme, um interesse pelo assunto, que não é de muitos. Só de festas populares, Thereza e Tom Maia, durante cerca de vinte anos, conseguiram abranger as festas de trinta e cinco municípios paulistas valeparaibanos. As festas carnavalescas, as cerimônias da Quaresma e Semana Santa, as festas de São Benedito, de Santa Cruz, do Divino, as festas Juninas, as Festas de Fazendeiros, de Tropeiros, de padroeiros, de São Cosme e Damião, de Natal, de Reis.

Quero terminar este imperfeitíssimo painel sobre a cultura valeparaibana, com um texto de *Água funda*, romance ímpar de Ruth Guimarães, que conhece e ama o Vale, sobre ele muito escreveu, sobre as plantas, a culinária, o folclore, a arte, a linguagem, *os causos*.

A gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água bole um pouco. E depois não fica mais nada.

E quando mexe com varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância.

Água vem, água vai, fica tudo no mesmo outra vez.

(Guimarães, s/d, p. 52)

## REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel, et. al. **Vale do Paraíba: política & sociedade**. Aparecida, Editora Santuário, 1993.

GUIMARÃES, Ruth. **Água funda**. Porto Alegre: Editora Cita, s/d.

MAIA, Thereza e Tom. **A mulher e o Vale do Paraíba**. São Paulo, EBID, 1992.

\_\_\_\_\_. **Vale do Paraíba: Festas Populares**. Caçapava, Cadernos culturais do Vale do Paraíba/Fundação Nacional do Tropeirismo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vale do Paraíba: vida cultural**. Caçapava. Cadernos Culturais do Vale do Paraíba/Fundação Nacional do Tropeirismo, 2002.

MAIA, Tom. **No mundo das Sinhás**. Guaratinguetá, 2003.



PASIN, José Luiz. **Algumas notas para a história do Vale do Paraíba**. São Paulo, Secretaria da Cultura, ciência e Tecnologia, 1977.

\_\_\_\_\_. **Vale do Paraíba: ontem e hoje**. Rio de Janeiro, AC&M, 1ª Ed, 1988.

\_\_\_\_\_. **Vale do Paraíba e estrada real: caminhos & roteiros**. Aparecida, Editora Santuário, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vale do Paraíba: História & Cultura**. Lorena, Centro Cultural Teresa D'Ávila, 2007.

Sá, Olga de. **Arte e Cultura no Vale do Paraíba: Literatura**. Lorena, Centro Cultural Teresa D'Ávila, 1998.

**Recebido em 09/09/2009**

**Aprovado em 02/03/2010**

**Sobre a Autora:** Doutora em Comunicação e Semiótica, Mestre em Teoria Literária, pós-graduada em Psicologia clínica, educadora, escritora, Diretora das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila e do Instituto Santa Teresa, de Lorena, pesquisadora da PUC-São Paulo.

E-mail: [olgasa@fatea.br](mailto:olgasa@fatea.br)